Um gato preto que cruzou a estrada

e outras aventuras



O Chato

Esconderijo do Luiz Afonso Alencastre Escosteguy

A prisão e o gato preto que cruzou a estrada

I

Quatro jovens amigos em um bar. Adolescentes fazendo o que adolescentes podem fazer em um sábado à noite de uma pequena cidade do interior. Noites em pequenas cidades do interior terminam cedo. Mais ainda em plena década de setenta, com a ditadura a pleno vapor.

Tudo começou com uma viagem de férias. Uma semana na casa da família de um dos amigos. Viagem feita de trem. Sim, naquela época ainda havia trens de passageiros. Dá para imaginar três adolescentes soltos em um trem por quase dezoito horas? Não. Sequer nós conseguiríamos imaginar, antes de embarcar, o que era possível aprontar.

Saída da antiga estação Diretor Pestana, em Porto Alegre, em um trem daqueles azul e branco, com destino a Santa Maria, onde, em Dilermando de Aguiar faríamos a baldeação para a Maria Fumaça que nos levaria até Santiago, Santiago do Boqueirão, a tal da qual diziam as más línguas ser a cidade "onde quem não é bandido é ladrão". O que não se faz por uma rima.

Cabine reservada. Afinal, éramos todos "filhinhos de papai". Papais militares. Dá para imaginar três adolescentes filhos de militares, estudantes do Colégio Militar, soltos em um trem por quase dezoito horas? Não, mas descobrimos tão logo o trem rangeu as rodas nos trilhos.

Muitos jamais saberão o que é viajar de trem por essas bandas pampeanas. Um pequeno resquício de um prazer inenarrável ainda pode ser sentido na Serra Gaúcha. Fora isso, bem, fora isso só existe a saudade.



II

Para não cansar a imaginação de quem não conseguiria mesmo imaginar do que são capazes três adolescentes soltos em um trem por quase dezoito horas, começo por adiantar que por pouco não fomos expulsos do trem. E só não fomos porque os passageiros, alegres com a nossa presença, não deixaram. E, claro, após as devidas identificações salvatórias.



Pudera! Tentar subir no teto de um trem em movimento não é aventura das mais sadias. Mas desde quando adolescentes fazem aventuras sadias? Ainda mais no auge dos filmes de faroeste, de bandidos e índios subindo em trens e pulando de cavalos a galope?

Perder a cabeça em uma das inúmeras pontes metálicas era risco certo. Alguém resiste, em sã consciência, a colocar a cabeça para fora da janela e sentir o vento enquanto olha os campos, os animais, os rios e as casinhas perdidas lá e cá?

Não. Vale o dito: mais sorte que juízo. Mas nem tudo eram riscos. Fazíamos, também, o papel de palhaços a brincar com as crianças entediadas com a longa viagem. E assim fomos até nossa estação final. Santiago do Boqueirão, onde adolescentes bobos vão para a prisão. O que não se faz por uma rima.

III

Quatro jovens amigos em um bar. Quatro jovens em um bar, sábado à noite, em uma pequena cidade do interior o que fazem? Resistem a ir embora. Quase meia noite e após muitas cervejas cedemos às súplicas do dono e saímos.



Antes que a tristeza tomasse conta, um dos quatro mosqueteiros da noite, morador da cidade, lembrou que havia um trailer de cachorro-quente, na praça, que aos sábados fechava mais tarde. Vamos lá? Mal terminou e já estávamos a caminho da salvação.

Por coincidência, ou não, o apelido desse camarada era Santiago. Conhecido em toda a cidade, era também amigo da dona do nosso destino.

Apresentações feitas, seguimos nosso alegre encontro. Pausa para uma frase batida: sem saber o que nos esperava.

Se há algo que quatro amigos, perdidos na noite em uma pequena cidade do interior, não sabem fazer é falar em tom normal. Já além da conta suportável de álcool e com os ânimos excitados pela novidade de uma noitada livre, conversávamos e ríamos como se perdidos estivéssemos não na cidade, mas nos campos que se perdiam de vista logo ali quando a cidade terminava.

Moradores de pequenas cidades do interior são muito chatos. Imagina! Querem dormir em pleno sábado à noite. Não tardaram em denunciar a algazarra que acontecia na praça, perturbando o sossego das pobres almas. Devo, a bem da verdade, dizer que não era uma algazarra. Exagero desse povo. Apenas quatro jovens adolescentes em pleno gozo da juventude.

Não adiantou explicar isso para os soldados da Brigada Militar, quando chegaram.

IV

Um pouco antes, um dos amigos resolveu ir embora, alegando que já havia bebido demais e já não estava se sentindo bem. A santa decisão livrou-o do pior. Restávamos apenas os três quando da chegada do choque. Choque não, cacetadas.

Chegaram pelos dois lados do trailer, cercando possíveis fugas. Ao perceber a aproximação, tirei a carteira de identidade do bolso e esperei pelo pedido de identificação. Sonho. Não perguntaram nada. Saíram batendo. Era assim naqueles tempos: primeiro bate e depois, se sobrar alguma coisa, pergunta.

Levei a primeira cacetada e quando me dei por conta, já no chão, havia um brigadiano com o braço erguido, cacetete na mão, pronto para agraciar minha cabeça com outro prêmio de bom comportamento. Fiz sinal de que não iria resistir. Fui levantado e levado para o camburão.

Comodamente alojado, vi meu amigo, que resolveu resistir, apanhando e berrando que era o filho do papai, sendo trazido. Ainda tentei falar: cala a boca senão será pior. Não adiantou. Foi jogado de qualquer jeito no camburão. E fomos levados para o posto policial e trancados em uma cela.

Em plena ditadura exigir a presença de uma autoridade só piorava as coisas. Afrontava a autoridade do guarda, o pequeno poder do guardinha de manter arruaceiros presos. Consegui acalmar meu amigo e passamos a noite acordados. Afinal, pela manhã deveria aparecer alguma autoridade. E foi o que aconteceu.



V



Sete horas da manhã chega o Tenente responsável pela guarnição. Uns minutos depois um dos guardas pede as nossas identidades. Não demorou muito e voltou, mais pálido que essa página. O Tenente quer falar com vocês. Avisei ao meu amigo que se mantivesse comportado. O outro havia entrado mudo e assim permanecera. Ele era da cidade, sabia as consequências que poderia sofrer se não se comportasse.

Nossas carteiras de identidade, solenemente ignoradas pelos guardas agressores, eram carteiras militares, emitidas pelo Exército, com identificação, inclusive, dos postos ocupados pelos papais. Imagino que ao ter percebido isso, o Tenente tenha gelado. Tinham prendido filhos de militares. E não de quaisquer militares. O pai do meu amigo era o Subcomandante do quartel do Exército na cidade. Encrenca na certa.

Dirigiu-se a mim e perguntou: és filho do fulano? Retórica, claro, demonstrando ciência do tamanho do erro cometido. Afinal, estava escrito. Gentilmente, respondi que sim. “Teu pai foi meu professor na academia”, falou. E começou a elogiar, como que querendo minimizar a situação. Meu pai havia falecido há apenas dois anos e sua história ainda era bem viva no meio. Também havia comandado o quartel da vizinha São Luiz Gonzaga. Promovido a General.

“Espero que vocês entendam que foi um erro o que aconteceu, mas estão todos bem, vão pra casa e procurem esquecer...” E por aí foi se desculpando. O Santiago? Percebi, durante a noite, que ele era amigo dos guardas. Depois caiu a ficha que ele não havia apanhado e só foi levado junto porque, né, estava junto. Por isso ficou calado a noite toda. Despedidas de praxe, até amanhã, abraços e fomos embora.

Chegados de volta em casa, encontramos nosso amigo acordado e ainda mal. Mesmo assim contamos toda a bela passagem que tivemos pelos porões da Brigada de Santiago do Boqueirão, que, como dizem, é uma cidade onde adolescentes beberrões merecem correção.

Dormimos praticamente todo o domingo e só fomos ter contato com o pai do nosso amigo no almoço de segunda-feira. E a história dá ares de que sequer começou...

VI

Nosso amigo que passou mal, quiçá desprovido de experiências em disfarces, em perceber que é hora de mudar de assunto, desviar, falar do tempo e tantas outras artimanhas que adolescentes conhecem, sem querer, mas já colocando a carreta na frente dos bois, acabou entregando tudo.

Era tradição, antigamente, e também no meio militar, que o pai almoçava em casa no intervalo entre os turnos do trabalho. Não era diferente na casa do meu amigo, mais ainda com visitas. Sentados à mesa, pergunta, naturalmente, o pai: como foi o fim de semana de vocês?

Foi aí que nosso amigo gelou. A expressão estampada no rosto entregou que algo havia acontecido. O que houve, perguntou, incisivo, o subcomandante. Sim, filhos de militares eram comandados, subordinados à estrita obediência. Não havia como não responder, sob pena de nova prisão, essa pior, pois significava castigo sem sair de casa. E foi aí que ele notou os machucados no rosto, na cabeça e na orelha do filho. Como isso aconteceu? E dessa vez não era uma pergunta, era uma ordem.

Mal meu amigo começou a responder "apanhamos dos brigadianos..." e não conseguiu terminar. Levantem e vamos lá no posto, agora!. Se foi o almoço, pensei. Mas eu nem participei de nada, vim embora antes. Então fica, falou o pai subcomandante.

E lá fomos direto para o posto da Brigada Militar. O Tenente, que também estava almoçando foi convocado a comparecer. Barraco armado. Licença poética. Nessas situações não há barraco. Existem ordens a serem cumpridas. E houve apenas uma: quero o nome dos soldados que participaram da ação.

E com os nomes fomos, sempre conduzidos sob estritas ordens, até a Delegacia de Polícia para registrar a ocorrência. Quanto ao fato de serem militares, papai subcomandante sabia o que fazer. E fez.

Nesse meio tempo, há o gato preto que cruzou a estrada...



VII

Tomadas as providências, que ainda teriam envolvimentos posteriores na Justiça, restou iniciar, de fato, as férias em Santiago do Boqueirão, onde adolescente se apaixona e vira bobão. O que não se faz por uma rima.

Sem nomes, por favor. Apesar de que, certa feita, contei, nas redes, uma história de uma paixão de infância e mesmo sem citar o nome da menina, passados cinquenta anos, ela se identificou com a história e entrou em contato. Imagina contar em publico que foi, com dez anos, apaixonado por uma menina e, pelos detalhes da história, ela se identificar. Que me recorde, essa foi a segunda paixão. A primeira foi com sete anos em Brasília. Mas a do gato preto que cruzou a estrada já perdi as contas.

Naquele tempo éramos educados a traçar todas. E atenção aos mais puristas dos preconceitos: traçar é gíria de época. Da época. Não incomodem. Não que eu fosse um Don Juan, mas tinha cá minhas habilidades, até então plenas de sucesso. Mas gatos pretos cruzam nossa estrada...

Não recordo como conheci a moça. Poderia até, literariamente, inventar um fato. Sobrou, na memória, o que importa: a paixão e o gato preto que cruzou a estrada. E, claro, um dos primeiros, senão o primeiro, fora que levei. Ao menos foi o mais perfeito fora que uma mulher poderia dar. Algo inusitado para a época. Inusitado para mim, acostumado ao sucesso das investidas. Começou, aí, um grande aprendizado. Em plena década da ainda submissão das mulheres ao mundo machista, uma jovem de dezessete anos antepõe um gato preto que cruzou a estrada entre nós.



VIII



Não chegou a ser um fora no sentido literal. Apesar da resistência às investidas, nos encontrávamos todos os dias e ficávamos passeando na praça de Santiago do Boqueirão, onde dizem que quem quer passear na praça é azarão. O que não se faz por uma rima.

Por vezes até de mãos dadas. Mas jamais poderia esquecer, e ela fazia questão de lembrar, que havia um gato preto que cruzou a estrada entre nós.

Lembranças. Mesmo agora, ao escrever, recordo que decidi que nunca mais um gato preto cruzaria a minha estrada.

E assim seguimos pela semana que fiquei na cidade. Passeios de mãos dadas na praça e um gato preto que cruzou a estrada entre nós.

Pouco tempo depois recebi uma carta. Guardo até hoje, Doideira? Guardar uma carta por cinquenta anos...

O que não faz um gato preto que cruzou a estrada na vida da gente, né?

Mas ainda temos o final do caso dos brigadianos e de como, por causa disso tudo, nasceu uma criança que leva meu nome.

IX

Naqueles dias, ops, parece início de versículo de um dos evangelhos da Bíblia. Reformulando, naquele tempo, viajar entre cidades do interior era uma aventura maior que andar de trem.

Estava em Livramento e precisei voltar à Santigo ainda durante as férias. Afinal, a instrução do processo dependia do meu depoimento. Claro que sob um bom aparato de segurança. Prestei meu depoimento e voltei. Fiquei sabendo do resultado tempos depois. Dos cinco envolvidos, quatro foram expulsos. Só se salvou o motorista.

Estradas de terra. Asfalto era coisa do futuro, só vistos de vislumbre em filmes de Hollywood. Dá para imaginar um adolescente solto, por quase oito horas, em um ônibus pinga-pinga, em uma estrada de terra? Bem, solto é forma de dizer. Pinga-pinga pelo interior o que mais tem é poeira e gente. Um amontoado de gente, malas, sacos, de tudo. E milhares de paradas. Gente subindo e descendo. Mais subindo do que descendo, o que tornava o ambiente algo, como direi, inusitado.

Para um jovem acostumado a tentar subir em cima de trens em movimento, a viagem parecia tranquila. Mais uma aventura para quem desde pequeno sempre se aventurou. Até fugia de casa, vez por outra, escondido dos pais, para "conhecer o mundo". Como comprei a passagem na saída, tinha lugar para ir sentado.

Lá pelas tantas, eis que entra uma jovem grávida, carregada com seus pertences, além do filhote na barriga. Sozinha. Naquele acotovelamento de gente em pé dentro do ônibus, ninguém, dos que estavam sentados, demonstrou a mínima vontade de ceder o lugar.

Não sei se por origem familiar, se por genética ou por uma educação com princípios, sim, naqueles dias, ops, naquele tempo recebíamos educação, o fato é que, imediatamente, me levantei e ofereci meu lugar.

Acomodada, fiz, com o corpo, uma espécie de barreira no corredor para que ninguém esbarrasse nela. E, apesar de ser tímido e detestar conversas, conversamos pelas quase duas horas que ela permaneceu no ônibus. Tinha ido visitar a família e estava voltando para casa.



Pouco antes de descer, perguntou meu nome. Falei. E ela disse que seria um menino e ainda não tinha escolhido o nome. Mas agora já sabia. Será Luiz Afonso, por tudo o que o senhor fez por mim. Sim, naqueles tempos havia educação. A vida é bela, como diz o título do filme. Se ele sabe a origem do nome que ganhou, não sei, mas com certeza sabe que carrega o nome mais bonito do mundo.

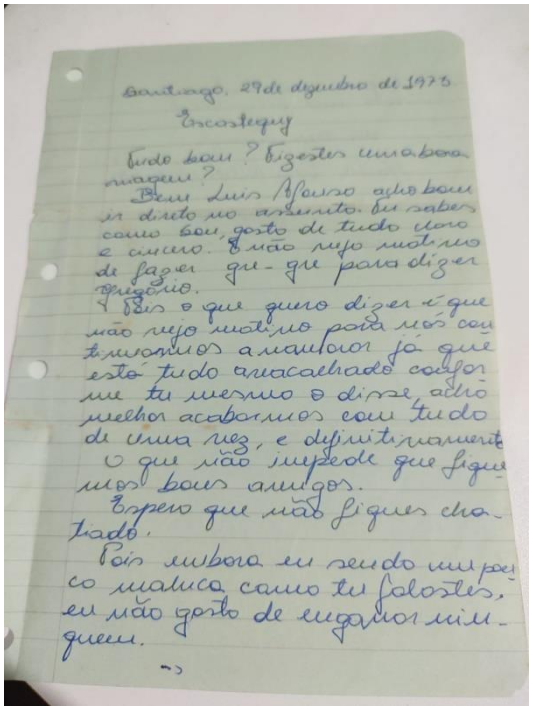
X

Cartas. Não ou saudosista. Mas cartas são cartas. Carregavam, além do conteúdo, algo que perdemos nesses tempos digitais: o tempo. A espera. O desejo. O abrir e o desdobrar do papel. Cartas eram a vida e não apenas momentos rápidos de mensagens carregadas de abreviaturas ou tuites limitados. Não havia economia de palavras e sentimentos. Com boas ou más notícias, eram verdadeiras.

Pouco tempo depois de ir embora de Santiago do Boqueirão, cidade onde as cartas eram escritas pelo escrivão, mentira, mas o que não se faz por uma rima, recebo uma carta da moça dos passeios de mãos dadas na praça.

Foi quando fiquei sabendo que éramos namorados. Fui informado que estávamos namorando ao receber a carta terminando o namoro. Pra verem o que faz um gato preto cruzando a estrada.

Gostei, agora que reli, cinquenta anos passados: “Pois o que quero dizer é que não vejo motivo para nós continuarmos a namorar já que está tudo avacalhado conforme tu mesmo o disse, acho melhor acabarmos tudo de uma vez e definitivamente. Pois embora eu seja um pouco maluca como tu falastes, eu não gosto de enganar ninguém”.


Santiago, 29 de dezembro de 1975
Boa Esperança
Tudo bem? Fizestes uma boa viagem?
Bem Luis Afonso acho bom ir direto no assunto. Tu sabes como sou, gosto de tudo claro e curto. E não vejo motivo de fazer qu-que para dizer qualquer.
Pois o que quero dizer é que não vejo motivo para nós continuarmos a namorar já que está tudo avacalhado conforme tu mesmo o disse, acho melhor acabarmos com tudo de uma vez, e definitivamente. O que não impede de que fiquemos bons amigos.
Espero que não fiques chateado.
Pois embora eu sendo um pouco maluca como tu falastes, eu não gosto de enganar ninguem.
->

Devo admitir, a bem da verdade, que esse era eu. Mas também devo recordar que sequer um beijo, um único, roubado que fosse, aconteceu, Sempre, nesses momentos, havia um gato que cruzou a estrada.

Reler a carta me devolveu ao tempo. Lembrar quando falei, na praça, que tudo estava avacalhado, de tê-la chamado de maluca. Um pouco, só. E de me lembrar que a culpa toda foi do gato preto que cruzou a estrada...

Cartas têm esse poder. Trazer emoções esquecidas. Talvez por isso as guarde, para não esquecer dos tempos quando eu tinha emoções.

Como disse Jayme Caetano Braun, em seu majestoso poema: “Nunca mais a vi no meu gauderiar andejo”.

Um ser. Um único ser que por vezes nos marca com a lembrança, a lembrança de que um gato preto cruzou a estrada...

XI

O gato preto cruzou a estrada

Passou por debaixo da escada

E lá no fundo azul, na noite da floresta

A lua iluminou a dança, a roda, a festa.



Eis o gato preto que cruzava a estrada. “O Vira”, música do grupo Secos & Molhados e cantada por Ney Matogrosso, lançada em 1973, mesmo ano, portanto, dos fatos aqui narrados.

E era com essa música, sucesso do momento, que ela resistia aos meus encantos. A cada tentativa de um beijo, lá se punha a cantar “o gato preto cruzou a estrada...” e a dançar na praça, como que iluminada pela lua.

Talvez por isso a tenha chamado de “meio maluca”. Inúmeras tentativas e inúmeras foram as vezes que escutei o verso cantado, quando não quase toda a música.

As pessoas passam por nós, deixam marcas, lembranças e não as vemos novamente. Ficam as recordações a mostrarem que, apesar dos eventuais insucessos, a vida foi vivida. Nunca mais encontrei um gato preto cruzando a minha estrada. Outros bichos com certeza...

A fuga

I

Travessas. Assim eram chamadas as crianças que não costumavam seguir as rígidas regras de comportamento em tempos quiçá não tão antigos assim. A frase serve para enganar o DNA, a tal data de nascimento antiga.

A mim não chamavam de travesso. Eu disfarçava bem. Uma das coisas que aprendi bem cedo na vida foi a aparentar ser um menino bem comportado, enquanto por trás vivia aprontando. O máximo que diziam era que eu parecia ter o tal de "bicho carpinteiro". Demorei anos para entender o que era o tal "bicho carpinteiro". E, pelo jeito, tenho até hoje.

E foi numa dessas tantas aventuras de um menino com bicho carpinteiro, mas bem comportado, que empreendi uma "fuga". Pra ser sincero, chamaria de "pequeno passeio não autorizado".

Um passeio programado pela escola. Faríamos uma visita ao Parque Saint Hilaire, em Viamão. Várias turmas. Ônibus e tudo o mais. Ida e volta sem percalços. Tudo acertado, combinado e com as devidas autorizações dos pais. Afinal, éramos crianças.

E, para dar um certo peso para a história, o ano era 1969. Ano do endurecimento da ditadura, os anos de chumbo, após a edição do AI-5.

Eis que...



II

Mamães são seres especiais. A minha mais ainda. Graças a ela ainda me resta pele na bunda. Zelosa, aprontou tudo para o passeio.

Mochila com muda de roupa, lanche, água, uns dinheirinhos para gastar na hora, identificação, com endereço, nomes, telefones para contato, tudo o que se possa imaginar para o filhinho caçula dos homens não passar necessidades no primeiro grande passeio da sua vida.

Embora o colégio fosse perto, havia a grande avenida para atravessar. Mamãe zelosa me levou até lá. Tudo verificado, ainda colocou na mochila da minha cabeça todas as possíveis e imagináveis recomendações: não faz isso, não faz aquilo, cuidado com isso, cuidado com aquilo, não sai de perto do grupo, não entra no mato sozinho, vê se come, se sentir frio coloquei um pulôver na mochila, não toma banho no riacho e assim foi desfilando uma quase interminável lista de recomendações.



Ainda conversou com outras mães que também tinham levado seus filhotes, não sem antes me recomendar para os responsáveis da escola que nos acompanhariam.

Certificada que o filhinho preferido estava bem - Ops! Filhinho preferido fica por conta própria e que meus irmãos não estejam lendo – foi embora.

Eis que...

III

Eis que São Pedro não estava de bom humor naquele dia. Pouco antes da hora marcada para a saída, começou uma garoa, daquelas, tipo, “Outono que se acha Inverno”. Dava mostras de que não iria parar tão cedo.

Vimos começar uma movimentação entre os organizadores que nos acompanhariam. Não demorou e fomos chamados para o centro do pátio e a comunicação foi feita: passeio cancelado. Nova data será marcada. Aqueles que precisarem que os pais venham buscar nós vamos telefonar.

Reunidos, conversa daqui, conversa dali, eu e mais três amigos resolvemos ir “por conta”. Só tinha um problema: não fazíamos a mínima ideia de como ir e, menos ainda, de como voltar. Foi aí que um mais corajoso disse: pegamos um Viamão e pedimos para o motorista nos deixar no Parque. Barbada. Quatro pré-adolescentes não iriam se entregar para uma garoazinha. Saímos de mansinho, sem avisar, e fomos.



Jamais poderia imaginar, no entanto, que mamãe zelosa lembrou que tinha se esquecido de colocar um copo na mochila. E voltou à escola. Pobre filhinho, como poderá tomar água sem o copo da mamãe? Pois é, tudo aconteceu por causa do copo.

E lá descobriu que o passeio havia sido cancelado e os filhos mandados de volta para casa. Mas meu filho não voltou para casa, dizia ela. Onde estará? Desespero armado. Volta para casa e liga para o meu pai.

Imagino – hoje, porque no dia não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo – que todo o serviço de inteligência do Exército, a Polícia do Exército, a Polícia Federal, a Polícia Civil, a CIA, o FBI e até a KGB tenham sido acionadas para procurar o filhinho sumido do papai. Sequestro era a hipótese mínima. Afinal, os tempos eram sombrios no Brasil.

E nós? Bom, nós passamos o dia no parque, mesmo com chuva. Qualquer coisa diferente alegra quatro crianças em uma aventura.

IV

Final da tarde, hora de retornar. Já sabíamos como pegar o Viamão de volta. Pedi para o motorista me deixar em uma parada perto de casa. Uma praça. Minha casa ficava do outro lado.

Ainda chovendo e já escuro, quando me aproximo percebo a movimentação em frente ao prédio. Viaturas da Polícia do Exército e soldados ocupavam toda a frente. Vi, também, policiais da Brigada Militar. Enquanto caminhava, fiquei imaginando o que poderia ter acontecido no prédio para ter tamanha movimentação.

Ao chegar mais próximo, fui imediatamente rodeado por vários soldados, perguntando o que tinha me acontecido e querendo saber se eu estava bem. Enquanto isso, outros já haviam avisado meus pais da minha chegada. Estava todo molhado, tênis, um calção preto e uma camiseta. Feliz e alegre com o passeio.

Eis que... Agora começa a história.



V

Sem uma palavra, fui conduzido ao apartamento. Ainda tentei explicar que apenas fomos passear no Parque, conforme o passeio estava marcado. Acho que aí aprendi a tal da história de que mentira tem pernas curtas.

Chegando, minha mãe falou que tinha voltado ao colégio e sabiam que o passeio havia sido cancelado. Não houve tempo para mais nada. Veio a ordem: vai pro quarto, tira a roupa e deita de bunda pra cima.

A coisa deve mesmo ter sido feia, pois só ouvi minha mãe dizendo: deixa ele ficar de calção, não vai machucar o menino. E cuida para não bater nas costas. Eu falei, devo à minha mamãe zelosa a existência de pele na minha bunda.



Meu pai entrou no quarto esbravejando, já com o cinto na mão. Tens ideia do que nós passamos o dia todo? Só pelo tom de voz percebi que não seriam simples cintadas. Algo talvez próximo ao que levavam os escravos fujões quando eram capturados: chibatadas. Por sorte meu pelourinho era a minha cama e restava um lado macio.

E houve requintes. Não foram simplesmente três chibatadas. Havia segundos entre elas. Uma... (segundos)... Duas... (segundos)... Três... Era para sentir a dor nos segundos... E sentir a terrível expectativa da próxima. Não chora, porque se chorar vai levar mais. E só não foi mais porque minha mamãe zelosa entrou no quarto e mandou parar.

E não chorei. Naquela época a gente aprendia a ser forte para enfrentar as durezas da vida, mesmo que essas durezas fossem cintadas do pai. Mas o pior veio depois. O castigo. Isso sim doía.

Uma semana sem sobremesa no almoço e na janta, sem televisão, sem poder brincar com os amigos do prédio e nunca mais poderia ir a passeios.

Resolveu? Claro que não. Se tivesse resolvido, não teria histórias para contar...

Catecismo

I

Éramos obrigados a ir à missa todos os domingos. Capela da escola. Colégio de padres, como se dizia na época. E o diretor era um padre que, apesar de bondoso, tinha lá suas regras. E a missa era parte das aulas. Aula de religião. E eu, filho do comandante da guarnição do Exército na cidade, tinha que ser exemplo de bom comportamento.

O que não me impedia, claro, e aprontar das minhas. Afinal, tinha um certo salvo conduto. Não se mexe com o filho do comandante, por pior que ele seja. Não em plena era dos militares.



Abandonei a tal da religião assim que fiz a primeira comunhão. Obrigado, claro. Esse negócio de senta, levanta, ajoelha, come biscoito, recita frases e, o pior de tudo, toda semana ter que inventar pecados para obter a salvação, não era pra mim. Aquela história de todo domingo pela manhã ter que ir até a capela do colégio e ficar repetindo essa chatice toda passava da conta para um pré-adolescente cuja vida era aprontar.

A época era propícia para rebeldias, naquele final dos anos 60. Corria o mundo, nessa época – ok, mundo é exagero, corria o Brasil – umas publicações chamadas de catecismo. Tínhamos vaga ideia do que eram, cada qual com a sua imaginação.

Até que um belo dia um colega apareceu, em pleno domingo, antes da missa, com um exemplar. Que situação! Adolescentes, em plena efervescência do início da sexualidade, tendo a oportunidade de ler, e ver, mesmo que desenhadas, aquelas cenas e histórias.

II

Claro que não entramos na capela. Mas, inocentemente, nos “escondemos” ao lado, encostados na parede. E ali ficamos apreciando a história, expressamente proibida para menores de dezoito anos.

Santa inocência, pensar que o padre não daria pela nossa ausência. Éramos uns três ou quatro, não recordo bem, mas o suficiente para chamar a atenção do padre. Estávamos tão atentos que sequer percebemos que a missa havia acabado. Só nos demos conta quando o padre chegou aonde estávamos.



Não deu tempo de esconder o livrinho. O que é isso, perguntou. E por que não estavam na missa? E foi logo tomando das nossas mãos o catecismo. Horrorizado, nos levou para a sala da direção. E se não gostávamos de sermão, esse foi o castigo que recebemos inicialmente: o sermão do padre por estarmos lendo aquilo e por ter faltado à missa para ler aquilo.

Mas, como disse antes, não se mexe com o filho do comandante, por pior que ele seja. E lá fomos, o padre e eu, até a minha casa. Haveria de combinar com o meu pai qual o castigo a ser dado. Sim, não poderia me castigar sem a autorização dos meus pais.

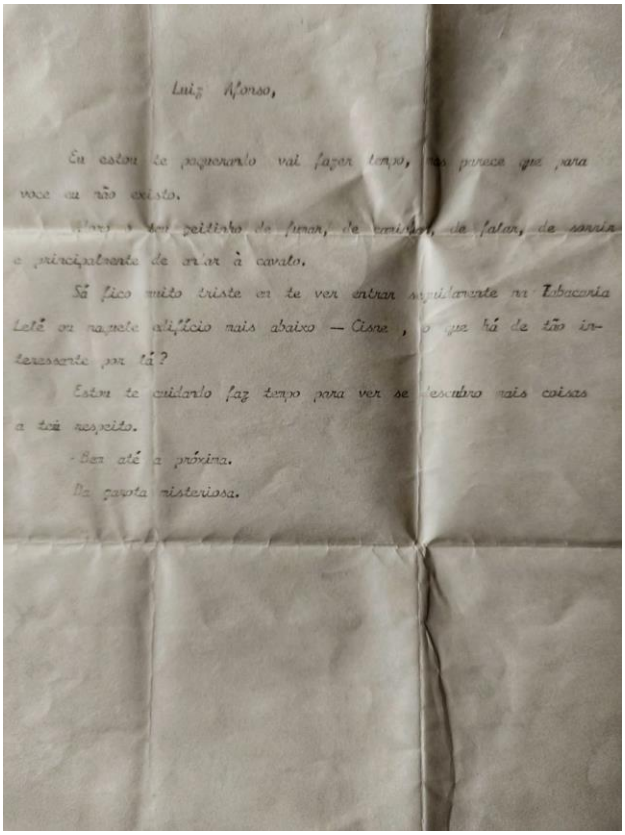
Relatado o acontecido e devidamente admoestado, fui punido com dois meses de suspenção da missa, castigo acertado entre eles. Não poderia ir à missa por dois meses. Pensavam que, assim, estavam ajudando na minha formação cristã e fortalecendo o meu caráter nos mais puros princípios morais.

Fiz uma carinha de triste, quase chorando. Mas por dentro soltando rojões de alegria. Dois meses, dois meses sem aquela chatice. Se soubesse, tinha tentado arranjar um catecismo bem antes.

E os dois meses se transformaram em não precisar mais ir à missa até hoje...

Garota misteriosa

Sou, se poderia dizer, o mais perfeito exemplar geminiano já produzido por essas bandas. Sociável ao extremo. Vivo em grupos e me relaciono com todo mundo e em todos os lugares. Falo pelos cotovelos.



Luiz Afonso,

Eu estou te paquerando vai fazer tempo, mas parece que para você eu não existo.

Adoro o teu jeitinho de fumar, de caminhar, de falar, de sorrir e principalmente de andar à cavalo.

Só fico muito triste em te ver entrar seguidamente na Tabacaria Lelé ou naquele edifício mais abaixo — Cisne, o que há de tão interessante por lá?

Estou te cuidando faz tempo para ver se descubro mais coisas a teu respeito.

Bem até a próxima.

Da garota misteriosa.

A vida de mudanças constantes, em razão da profissão do meu pai, que não me permitia ficar por mais de dois anos na mesma cidade, facilitou. Novas amizades, novas escolas, novas namoradas... Não havia tempo de criar raízes. Apenas memórias e, quando não traído pelos neurônios, lembranças. Claro que poderia ter desenvolvido uma timidez, mas não. Os desafios das mudanças só serviram para aprimorar algo que devo ter trazido da última encarnação, lá pelos idos da Idade Média. O tempo dos cavaleiros, das donzelas, das aventuras, das cruzadas...

Admito que não tenho do que me queixar com a vida amorosa. Algumas meninas, no entanto, devem ter muito a se queixarem de mim. Talvez seja o caso dessa "garota misteriosa".

"Estou te paquerando vai fazer tempo, mas parece que para você eu não existo". Difícil de acreditar que eu não percebesse alguém me paquerando. O mais provável é que, tendo percebido, me fazia de difícil. Geminianos também gostam de fazer isso...

"Adoro o teu jeitinho de fumar, de caminhar, de falar, de sorrir e, principalmente, de andar a cavalo". Ao que tido indica, era uma menina próxima. E ela tinha razão. Fumar, caminhar, falar, sorrir, e andar a cavalo eram coisas que eu fazia como ninguém mais. Naquela época, eu só andava a cavalo no Colégio Militar. Ver andando a cavalo indica que era muito próxima, que frequentava, de certa forma, o colégio. Ou me via nos desfiles de 7 de Setembro.

E curiosa para saber o que tanto eu fazia na Tabacaria Lelé ou no edifício Cisne. Nada, na tabacaria comprava cigarros e, como sempre me dou bem com todo mundo, era amigo do pessoal. E no Cisne morava uma amiga de infância...

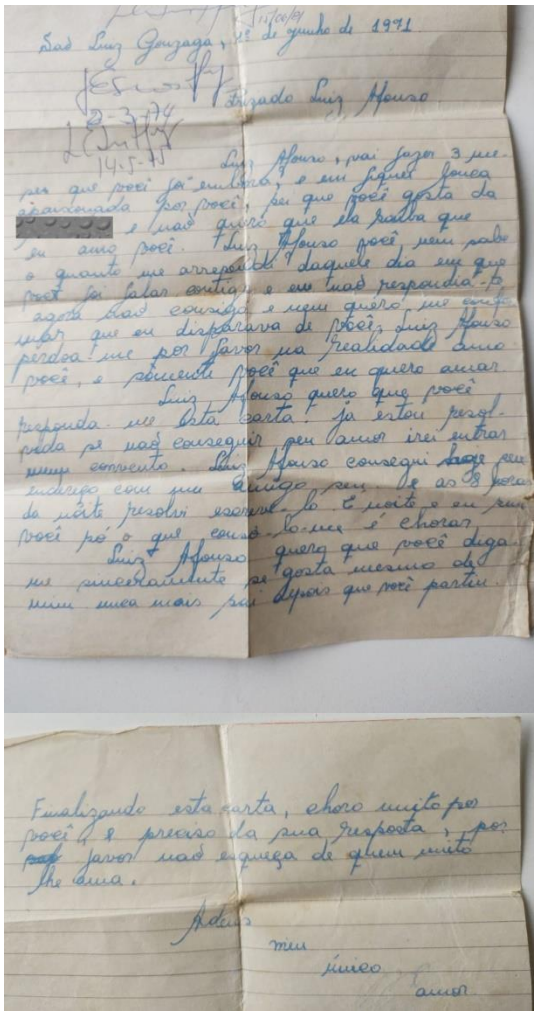
Se ela era misteriosa, continua até hoje, pois nunca criou coragem para se aproximar...

Alguém já se matou por mim?

Pelo teor da carta, pensei que fosse se matar. Mas era uma menina de uns treze anos, perdoamos o desespero, ou exagero. Se eu não conseguir o seu amor irei entrar num convento. Fico imaginando que temos uma freira em algum convento por aí, autora da carta.

Fiquei louca apaixonada por você. Se eu soubesse, aos treze anos, que já tinha esse potencial todo, teria, como disse uma pessoa muito conhecida, dobrado a meta.

Adeus meu único amor. Final dramático. Deve ter visto a primeira versão de Romeu e Julieta, do Zeffirelli, com a maravilhosa Olívia Hussey.



Em minha defesa ela mesma alega que fui procurá-la e que ela se negou. Agora não consigo e nem quero me conformar que eu disparava de você. Fico cá a imaginar, passados esses anos todos, que tipo de imagem eu causava nas meninas, a ponto de ficarem bloqueadas na minha presença.

Guardar cartas. E lê-las após muitos e muitos anos, pode fazer a gente tentar se lembrar em qual momento da vida nos perdemos dessa infância e adolescência, que por vezes nos faz desejar ir para um convento.

1° de junho de 1971. Dia da carta. Um dia antes do meu aniversário de 14 anos. Não sei se ela sabia disso...

Fico feliz por me lembrar que arrebatava corações já nessa idade. Hoje? Ih....

Nem tudo são flores

I

Décimo quarto dia do undécimo mês do *Anno Domini* de mil novecentos e setenta e dois. Passadas as Vésperas. Mais precisamente, dezenove horas em Brasília. Toca a campainha em casa. Fato incomum. Abro a porta e vejo um militar nosso amigo. Foi transferido de Porto Alegre junto com o meu pai. Éramos amigos, os filhos, desde então.

Preciso falar contigo, vamos descer. Aos quinze anos ainda não se tem noção do significado de uma visita surpresa e de uma conversa em particular. Chegados ao térreo, foi direto. Não tem outra forma de dizer isso, mas teu pai faleceu. Precisamos ir ao hospital e tua mãe tem que ir junto, mas ela ainda não pode saber. Vou dizer que ele passou mal e está hospitalizado e tu confirma. Vou levar vocês. Lembra que agora és o homem da casa.

Aos quinze anos não se tem noção do que seja uma notícia dessas. Subimos e ele conversou com mamãe. E fomos para o hospital. Minha irmã, pequena com oito anos, ficou com a empregada. Já antevendo algo pior, mamãe foi perguntando, durante todo o trajeto, qual era a real situação e se não a estavam enganando. Ele está sob cuidados, na UTI. Ela me olhava e eu, que tinha quinze anos e não tinha noção do que estava acontecendo, confirmava.

Chegamos ao hospital por volta das vinte horas. Mamãe já absolutamente nervosa, apreensiva, tensa. Nos colocaram em uma sala de espera e ela foi logo medicada com um poderoso calmante que a derrubou. Quiseram dar em mim, mas me recusei. Alguém tem que ficar inteiro por aqui, falei. Não sou o homem da casa agora?

Alguns minutos depois o militar, nosso amigo, me chama para outra sala e conta o que aconteceu.



II

Era uma quarta-feira, dia da prática de esporte. Jovem de quarenta e seis anos, papai não hesitava em comparecer. Haviam jogado basquete e vôlei por quase toda a tarde. Ao final, ainda com o corpo quente, se joga na piscina. E sente os primeiros sinais. Ao tentar sair pela escada, percebe que não consegue. Colegas o ajudam. Queriam chamar uma ambulância, mas, além de jovem, era teimoso. Levantou-se e foi em direção ao banheiro. E lá não resistiu. O coração parou de vez. Chamado o socorro, foi levado para o hospital. E, segundo me disse, já teria chegado sem vida.

Ficamos ali, até por volta das onze horas. Para mamãe diziam que o quadro era grave, mas estavam tratando dele na UTI. Eu sabia que não, embora ainda não tivesse noção do que estava acontecendo, jovem de quinze anos que era.

E assim passamos aquelas três horas. Eles enganando mamãe, dizendo que estavam tratando dele e eu sem saber o que fazer. Não me foi dito, mas imagino, hoje, que estavam fazendo os procedimentos de praxe no corpo. Às onze horas me chamaram e, no corredor a caminho, disseram que eu deveria fazer a identificação do corpo. Depois, só depois, contariam para a minha mãe.



Eu, um jovem de quinze anos sem a mínima noção do que seria fazer a identificação de um corpo, segui. Ao entrar na sala, um corpo coberto com um lençol branco, deitado em uma maca. Descobriram o rosto e perguntaram: é teu pai?

Respondi que sim. Nesse momento saíram todos da sala e me deixaram sozinho com o corpo. Recordo que minha única e intima pergunta foi: e agora, o que se faz nessa situação?

O que faz um jovem de quinze anos sem a mínima noção do que seja a morte?

III

Não recordo de ter tido muito carinho por parte dele. Não, isso não é ruim, é da época, creio. E do meio militar, além de que crianças ou adolescentes eram apenas crianças ou adolescentes. Não se misturavam com adultos. Não tinham voz e a única função de existência era obedecer, brincar, estudar e se comportar. E, claro, seguir o exemplo dos pais.

Imagino que não se pode exigir de um jovem que saiba o que fazer nessas horas. Pode chorar? Seria difícil, ele mesmo me havia ensinado que homem não chora. Com sete anos, cheguei em casa chorando após uma briguinha na rua. Ele me pegou pelo braço e foi dizendo: homem não foge e não chora. Vamos lá terminar essa briga. E fomos pela rua atrás do guri com quem eu tinha brigado. Após algumas voltas sem encontrá-lo, ele desistiu e voltamos para casa. E repetiu: homem não foge e não chora.



Chorar não era uma opção. Me ocorreu apenas dar um beijo na testa. Meio sem jeito, foi o que fiz. Estranho, pois nunca fui acostumado a beijar o pai. Mãe, sim, mas pai, não. Mais ainda um corpo morto.

Voltei para a sala de espera. Nesse meio tempo haviam contado a verdade para mamãe. Como estava muito dopada, ficou praticamente sem reação. Fomos levados de volta para casa. Ao chegar, tinha que contar para minha irmã. Não deixei que outros fizessem isso. Afinal, tinham dito que agora eu era o homem da casa.

Como um jovem de quinze anos completamente atordoado com os acontecimentos conta para uma menina de oitos anos que o pai tinha morrido, se sequer tinha entendido o que isso significava, além de ver um corpo inerte pela primeira vez na vida?

Várias pessoas já haviam chegado. A notícia se espalhou rapidamente. Colegas do meu pai, amigos da quadra, amigas da mamãe. Sala cheia, levei minha irmã para um canto do sofá da sala e contei. Palavras simples. Já estava assustada com toda a movimentação e com o estado da mamãe. Não era hora de complicar o que pra mim já estava sendo complicado.

Hora de avisar a família. Meus irmãos em Porto Alegre e meus avós e tios em Santana do Livramento. Novamente, recordo de eu mesmo ter ligado. Afinal, de uma hora para outra tinha me tornado o homem da casa. Tudo o mais já estava sendo providenciado. A viagem com o corpo sairia pela manhã. E nós também.

Um jovem de quinze anos jamais imaginaria como seria essa viagem...

IV

O Exército havia fretado um jatinho para nos levar até Santana do Livramento, com uma escala em Porto Alegre. O que só disseram na hora do embarque é que o caixão iria junto. E para que todos coubessem, uma fileira de bancos foi retirada para colocar o caixão. Quatro bancos de um lado e o caixão do outro. Teríamos que ir com as pernas e os pés apoiados em cima.

Oito horas de viagem com os pés em cima do caixão do meu pai morto. Indescritível para um jovem de 15 anos sem noção de como a viagem seria feita. Talvez imaginasse, se é que dava para imaginar alguma coisa naqueles dias, que o caixão fosse em outro avião.

Entramos, o médico que acompanhava minha mãe, escalado pelo Exército para que ficasse com ela até depois do enterro, mamãe, eu e minha irmã. Um de cada vez, já passando por cima do caixão. Lembro de sentir um certo desconforto e de ver mamãe chorando.

As lembranças da viagem acabam por aqui. Só volto a recordar quando da chegada em Livramento no final da tarde. Um carro e um rabecão nos esperavam para levar até a casa do meu avô, onde seria o velório.

Sonhos voam como aviões. E os sonhos do meu pai voaram junto naquele dia. Só que para outros destinos. Papai era o mais jovem Coronel do Exército e seria promovido a General ainda naquele ano. Recordo de ouvir conversas dele com mamãe sobre os desejos e as dúvidas dele. Poderia ser designado adido militar na Itália ou, o que talvez ele mais quisesse, ser nomeado ministro do Superior Tribunal Militar. Ambos estavam ao alcance. Eu já me imaginava na Itália. Fui parar em um velório em Livramento. Morto em serviço, acabou promovido a General. E carregou suas estrelas para junto das estrelas do céu. Os sonhos junto.



V

Velório em cidade do interior, de pessoa de família conhecida e tradicional é um acontecimento à parte. Quando é uma morte inesperada, movimenta autoridades, sociedade, jornais, rádios, vira notícia.

Na casa dos meus avós há um pinheiro que foi plantado no dia em que papai nasceu. Em 2026 fará cem anos. Ele não. Poderia estar vivo. Cem anos não é tão difícil assim de se alcançar. Mamãe também. Faria cem anos em 2025.

Pouco sei – nada sei, na verdade - da vida dos dois como casados. Crianças não sabiam de coisas de adultos. Era um mundo desconhecido. Proibido. Olhando fotos antigas dos dois, pareciam felizes. Tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres. A irmã que me antecedeu morreu um dia antes de completar um ano. Pouco depois eu nascia. Um ano e dois meses. Não posso afirmar com certeza, mas devo ter sido gerado na ânsia de calar a dor da perda de uma filha. Maria Elisa. Elisa. Até hoje um nome lindo. Oito anos depois nascia a filha tão desejada, a recompensa divina pelo sofrimento.

A morte, para adultos, é algo insuportável, mas para um jovem de quinze anos sem noção alguma da vida além das dores do crescimento, morrer era algo apenas estranho, diferente. As pessoas vinham me consolar, dar abraços, chorar, querendo saber como eu estava, contando histórias do meu pai, do quanto ele era querido. Tudo isso, claro e naturalmente, quando lembravam de mim, pois o foco das atenções eram mamãe e meus avós, que também perdiam um filho. Dos meus irmãos não lembro. Lembranças são assim, lembrei agora que não lembro deles no velório.



A casa dos meus avós era grande, com um pátio interno bem maior e um galpão nos fundos, onde ficava a churrasqueira e depósito de tralhas. Lembro das festas de Natal e Fim de Ano, toda a família reunida, tios, primos, uma festa enorme. Um peru, devidamente cevado, era morto. Acompanhava todo o procedimento. Da morte, da depenação até a preparação. Das corridas e brincadeiras com os primos e primas, os caminhos de pedrinhas entre os canteiros das plantas, flores e árvores, do pinheiro do papai, da videira, do banheiro dos avós, que ficava na parte íntima e isolada por uma porta portentosa, mas que crianças ainda podiam ir quando necessário.

A morte não mata apenas um corpo, uma vida. Mata a vida ao seu redor. Tudo acabou. Mas, às vezes, a morte traz a vida, como a morte da minha irmã trouxe a minha.

VI

O velório foi realizado na sala de jantar. A mesa era grande e o caixão foi posto sobre ela. Visitas e mais visitas, conversas na sala, água, café, meus avós e minha mãe acomodados em poltronas confortáveis. E assim passamos a noite.

Dia do funeral. A primeira notícia que me deram é que eu não iria. Consideravam que eu era muito jovem ainda para participar de funerais. Inadmissível, aleguei. Afinal, quem estava desde o início acompanhando tudo? E não tinha sido promovido a homem da casa em Brasília? Não havia reconhecido o corpo? Não fiquei toda a viagem com os pés sobre o caixão? Não participei de todo o velório? O que pensavam esses adultos? Época estranha aquela. Barraco armado, acabaram concordando que eu fosse. E teve mais: briguei para que a minha irmã, apesar dos oito anos, participasse. Achava injusto que ela não carregasse essa memória. Não recordo se ela foi.

Papai havia servido no Sétimo, como era chamado o 7° Regimento de Cavalaria, sediado em Livramento. Fariam as justas homenagens. Foi, em certa medida, muito bonito. Um desfile, pelas ruas da cidade, até o cemitério, em carro aberto, acompanhado, pelos lados, por um pelotão a cavalo. Bandeira do Brasil e do Regimento. Os demais carros iam atrás. Tudo devagar, como manda o figurino e sendo visto pelo povo que transitava pelas ruas, pessoas talvez curiosas para saber quem seria o merecedor de importante enterro.

Chegados à frente do portão do cemitério, uma salva de tiros feita por soldados do quartel. Inesperada, diga-se de passagem. Momento de emoção. Baixado o caixão para o carrinho que o transportaria até o local definitivo, fomos em caminhar silencioso. Um último momento para a oração do padre que acompanhava tudo, desde o velório. O caixão foi colocado no jazigo ao som de uma corneta com o Toque Militar Fúnebre, o Toque do Silêncio. Confesso que me emociono até hoje ao lembrar.



Fechado o jazigo, abriu-se, para aquele jovem de quinze anos sem noção da vida, o aprendizado, definitivo, do que era a vida. E talvez tenha, ali, começado a jornada para realmente se tornar homem.

Fumar

I

Sempre fui bom nas artes de me esconder e de fazer coisas escondido. E mamãe sempre foi boa em me pegar. Como na fuga para o parque, que a ausência de um copo acabou por me denunciar, aqui também foi mamãe que me descobriu.

Aprender a fumar é fácil, basta andar, como se dizia antigamente, em más companhias. Nem tanto, no meu caso, considerando que minhas amizades eram restritas aos colegas de colégio e aos filhos da vila militar. O colégio era de padres, logo se supunha frequentado por filhos de "boas famílias" da sociedade de uma cidadezinha do interior.

Como todo bom iniciante, a primeira tragada, dada de forma desavisada, foi um desastre. Voltava da escola quando um coleguinha acendeu o tal do cigarro e, como se o próprio diabo fosse, me ofereceu. Oferta do pecado escondido, uma tentação irrecusável para um recém entrado nas lides da adolescência. Tragada dada, daquelas fortes, sem cuidado com a primeira vez, resultou em uma quadra inteira de tosse.

De nascença, sou afeito a desafios. E desse não desistiria. Nos dias seguintes fui aprendendo a lidar com a fumaça. Restava um problema: como continuar? Não poderia depender dos amigos que conseguiam cigarros. E, com treze anos, sequer mesada ganhava. Artes e um pouco de ciência resolvem tudo.



Papai fumava. Comecei por pegar um cigarro da carteira que ele costumava deixar em cima dos móveis da casa. Um em cada carteira ele não se daria conta. E assim foi por um tempo, até que a vontade foi aumentando. E novas artes precisavam ser descobertas. Sabia que ele comprava cigarros em pacotes. Era comum naquela época. Cada pacote vinha com dez maços. E os guardava na gaveta da mesa do escritório. Os maços ainda não vinham envoltos em papel celofane, com aquelas tirinhas para abrir.

Nada que um jeitinho e um pouco de cola não resolvessem. Abria os pacotes pelo fundo, cuidadosamente para não rasgar. Pegava o último maço e abria pelos fundos. E aqui um pouco da arte. Os maços eram fechados, na parte de cima, com um selo. O selo do imposto. Só que o selo não era colocado exatamente no meio, mas de forma que um lado ficava um pouco maior e por ali eram abertos.

II

Tirava um cigarro e colava, cuidadosamente, o fundo. Recolocava no pacote e, neste, apenas um leve fio de cola, o que permitia ser aberto novamente se risco de rasgar. Quando necessário, repetia a operação, dessa vez pegando o segundo maço. E assim ia, de maço em maço. Até que...

Não resistindo, resolvi fumar um no meu quarto. Estava acostumado a só fumar na rua. Todos já tinham se recolhido para dormir. Papai e mamãe, porta fechada e luzes apagadas. Dei um tempo e pensei, agora está tranquilo. No escuro, acendi o cigarro e fiquei fumando. Quarto fechado, janela fechada. Era inverno.



Mamãe, que já havia descoberto minhas artes com a preocupação pela falta de um copo, resolveu verificar se o filhinho querido não estava passando frio. Abre a porta. A fumaça, por uma contingência da natureza, ao ver que havia por onde escapar, foi-se toda no rosto que quem tinha ousado abrir a porta.

Devo dizer, a bem da verdade, que ela se comportou. Foi discreta. Não iria acordar o papai com um escândalo naquela hora da noite. Apaga esse cigarro e vai dormir. Amanhã vamos conversar. Esqueceu de perguntar se eu estava com frio.

E agora, quem poderá nos salvar? Não, Chapolim Colorado ainda não existia naquele ano, mas a citação bem que vale. Sabia que viria chumbo grosso. Claro que na manhã seguinte contou minha aventura para o papai.

Não foram rudes na hora do almoço, quando papai retornava para o intervalo e a merecida sesta. Nem fizeram pregação contra os males do fumo e essas coisas mais modernas. Afinal, papai fumava. Foi apenas um ainda não tens idade para fumar.

Não adiantou. Apenas redobrei meus cuidados de só fumar na rua, mas continuei, ainda, com a minha técnica do pacote. Não muito tempo depois, passei a pegar, descaradamente, um cigarro do maço aberto. Se papai se dava conta? Imagino que sim, mas fazia que não. Mais tarde, passou a me pedir que comprasse os cigarros dele. A poucos meses antes de morrer, mandava eu comprar três maços. Ele fumava dois. Eu pegava um. Era pra mim. Não havia problema, desde que eu não fumasse na frente.

Depois do almoço sempre ia para o quarto e ficava fumando. Seguidamente ele entrava e me pedia que fosse fazer o jogo da esportiva. Eu apenas colocava o cigarro no cinzeiro. Não havia palavras. Aceitação tácita. Apenas não fumar na frente. Não tive tempo para saber se um dia eu poderia fumar na frente dele.

E mamãe? Nunca mais falou do cigarro depois daquele dia. Soube por ela, tempos depois, que sempre teve desejo de fumar, mas por ter tido um problema no pulmão, quando jovem, nunca poderia fumar.

De como aprender a dirigir escondido

I



Recém lançado, o Corcel havia chegado em exemplar único na cidade. Naturalmente, foi oferecido ao papai. Que comprou.

Nas sextas-feiras, à tarde, o motorista vinha buscar papai e íamos com o Corcel para o quartel. O carro seria lavado. Era, também, minha tarde de passear por lá.

O quartel era enorme. Quase uma fazenda. Criavam gado para abate e alimentação da tropa, plantação de hortaliças e legumes. Uma grande piscina e, claro, cavalos. Uma festa para um piá de doze para treze anos. Mas a vida já me ensinava que o melhor de tudo é sempre fazer escondido.

O motorista deixava meu pai no prédio do comando e levava o carro para a garagem. Eu junto. Como bom geminiano irresistível na argumentação que já era, convenci o motorista a me ensinar a dirigir. Não demorou muito e comecei a andar sozinho com o Corcel pelo quartel, com a condição de devolver a tempo de ser lavado. Por vezes íamos com a Rural do quartel. Papai achava que não era necessário lavar o carro. E lá ia eu a dirigir a Rural.

A arte durou um bom tempo, mas como diz nosso grande poeta gaúcho, "o que é bom se termina, cumpriu-se o velho ditado". Um belo dia fui pego na travessura. A admoestação foi no mesmo tom do caso do cigarro, ainda não tens idade para dirigir. Cresci, como já deu pra ver, ansioso para ter idade, seja lá o que isso significava. Imaginava que tal idade seria a liberdade total, a liberdade para fazer tudo o que eu quisesse sem precisar me esconder.

Mas sou índio duro de queda, como diz outro grande poeta das lides poéticas gauchescas. E não desisti. Passávamos as férias na cidade dos meus avós e tios. Ficávamos na casa da minha tia, irmã da mamãe, minha madrinha. Meu tio, padrinho, tinha uma chácara, Cantinho do Céu, próxima da cidade. E todos os finais de semana íamos para lá. Sábado era dia de trabalho, arrumar tudo para receber os convidados – diga-se de passagem, quase a cidade inteira – para o churrasco.

A piscina era alimentada com água natural de um poço artesiano. Na outra ponta, o ladrão despejava o excesso em um pequeno córrego que levava a água para a sanga. E um pé de salgueiro-chorão. E não tinha ladrilhos. Mesmo com água corrente juntava limo e precisava ser esvaziada e limpa. Muitas tardes de sábado passei escovando piso e paredes daquela piscina. Uma festa antecipando a festa maior dos domingos.

II

Aprendi a nadar naquela piscina. Um dia, sentados na beirada da parte rasa, onde dávamos pé, eu e um amiguinho brincávamos para ver quem seria o primeiro a ter coragem de se jogar naquela água gelada. Crianças de cinco ou seis anos que mal se arriscavam até a cintura.

Meu tio, um ser trezentos anos à frente do tempo e, em alguns outros aspectos, trezentos anos atrasado, chega de surpresa, por trás, nos pega, um de cada vez, levanta nos braços e simplesmente nos joga na água. Tenho certeza, como não morri ali, não morro nunca mais. Grande técnica de ensino do nado olímpico cachorrinho. Nasceu naquele momento meu verdadeiro pavor de água gelada. E do frio. E do Titanic. E de qualquer temperatura abaixo dos 28 graus.

A recompensa vinha aos domingos. Chácara cheia de carros, por vezes quase uns quinze, estacionados no gramado que ficava na entrada. E todos bem próximos à caixa-d'água. Que tinha uma torneira. E tinha uma mangueira. Prato feito para quem não havia desistido de dirigir. E gostava. E sonhava desde pequeno com dirigir. Não tive dúvidas, pedi para meu tio para lavar o carro dele, uma Kombi. Sabia que ele não iria pestanejar. Pegou as chaves e me passou.



Dei um jeito de manobrar a Kombi e colocá-la diante da torneira da caixa-d'água e lavei. Terminado o serviço, voltei ao local da festa e perguntei, alguém mais quer que eu lave o carro? Meu tio deu uma forcinha, elogiando meu serviço e dizendo que era seguro. Trezentos anos à frente. Claro que meus pais tentaram interferir, trezentos anos..., mas foram vencidos por todos os que estavam ali e queriam ter seus carros lavados. E assim passava as tardes de domingo dirigindo, manobrando, estacionando e, claro, lavando. Lavar era o de menos, diante da aventura de dirigir.

Ah! Aquela chácara. Não é figura poética dizer que ficava no sopé de um morro por onde passava uma sanga. Quantas aventuras. Subir o morro de mato fechado, nadar na sanga, tentar pegar lambaris com a mão, pegar o primeiro cascudo...

E dizer que foi nessa mesma chácara que levei mamãe para queimar, na churrasqueira, todos os papéis e documentos do trabalho do meu pai. Parte da história do Brasil foi queimada ali. Mas essa é outra história de coisas que eu fazia escondido.

Das duas, nenhuma!

I

Carnaval de 75. Íamos aos bailes do Comercial, do Caixeiral e do Campestre. Naquela noite, noite do Comercial, teríamos novidades. Duas moças uruguaias, parentes de conhecidos nossos, tinham vindo de Montevideo para uns dias em Livramento.

Uma loira e uma morena. Feitas as apresentações e encantados com as meninas, eu e meu irmão fizemos uma aposta. Ele ficaria com a loira e eu com a morena. A aposta era ver quem conseguiria namorar com o par até o final do baile. Ainda não se falava em "ficar", gíria moderninha. Ganhei, claro! E começamos a namorar.

Meus tios – irmã do meu pai e marido, moravam com os filhos em Montevideo. E lá me fui eu, passados os dias com o encantamento da nova namorada. Fiquei na casa deles. Uma das belas recordações que tenho é da chegada em Montevideo. Fui de trem com chegada ao amanhecer. A estação central é belíssima, ainda mais quando iluminada com as luzes da aurora. Senti como se estivesse chegando naquelas estações europeias. Foram me buscar.



Sempre digo que se eu morrer – se, não, claro que vou – gostaria de ser enterrado em Montevideo. Cidade linda demais. Não sei como anda agora, nesses tempos de século XXI, onde tudo anda se perdendo. Não vou mais ser enterrado, pois agora serei cremado. Rimou. E seria muito caro levar minhas cinzas para jogar nos trilhos da Estação Central General Artigas.

Pois foi em Pocitos que protagonizei uma cena, diria, hilária.

Na primeira noite, minha tia disse que faria um prato especial para mim. Algo tradicional para os uruguaios. Comilão que era, esperei ansioso. Na hora, me apareceu com arroz frio coberto com maionese. Das poucas coisas que aprendi, nessa vidinha, é a ser educado. Evitei ao máximo fazer a tradicional cara de nojo. Tirando sorvete e cerveja, detesto qualquer coisa gelada. Comi. Não é que fosse ruim, não, mas arroz gelado, mesmo que tivesse gosto só de maionese, ninguém merece. Minha cara de disfarce deve ter sido tão boa que ela me ofereceu repetir. Adorei, tia, mas ando comendo pouco ultimamente. Estou satisfeito. A porção servida não era lá essas coisas. Mas a expectativa de ir a Pocitos no dia seguinte superou a fome.

II

Namorada veio buscar e fomos à praia. Lá chegados e acomodados, com direito a guarda-sol e tudo o mais que se requer, tirei o calção. Era moda, naqueles tempos, moda maneira de dizer, enfim, mas em uso, uma sunga estilo fio dental feita de crochê. Algum tempo depois, no Brasil, um renomado e dito terrorista que havia sido beneficiado, pouco antes, com anistia, também foi flagrado usando um.

Enquanto permaneci sentado, tudo estava tranquilo. Mas ao me dirigir para o mar – ainda o Rio da Prata, na verdade – ouvi um grito: mamá, mamá, mira un brasileño. Mira mamá. Foi o que bastou para a praia inteira olhar para mim. Os castilhanos eram muito conservadores. Sequer as moças usavam biquínis cavados. Os homens todos de calção ou bermuda, percebi depois. Um escândalo seria formado caso continuasse em direção à água. Dei meia volta, sentei e coloquei de volta o calção. E lá se foi meu banho. O pior foi aguentar a namorada rindo por dias da história.

Passado a semana, voltei para Porto Alegre. O namoro seguiu por carta e, quando dava, por telefone. Fixo e com telefonista para chamadas internacionais. E caro. Celular só nos desenhos dos Jetsons.

Levando a vidinha de aluno do último ano do científico, havia decidido que faria faculdade de Física. Um dia, resolvi conhecer a faculdade, ali no campus central da UFRGS. Saber um pouco mais do que me esperava. Fui e conheci.

Usava meu costumeiro uniforme de cavalariano do colégio. Calças culote e com as botas e esporas que eram do meu pai. Andava garboso e altivo fardado. E assim fui para a parada do ônibus para voltar para casa.

Vi, também esperando ônibus, uma moreninha, estilo mignon, linda. Notei que ela me notou. Esperado, não tinha como não me notar com aquela pose de cavalariano. Mas foi discreta. Eu? Eu não iria me entregar.

Passam diversos ônibus e ela não entrava em nenhum. Por fim, depois de um tempo, resolveu pegar um Santana. Oba, pensei, mora no mesmo bairro. Entrei atrás. E fui paquerando. Ela dava umas espiadas de vez em quando. Lá pelas tantas, desceu. E eu atrás.

Me aproximei a abordei. Tradicional, tranquilo, oi, tudo bem. Meio sem jeito soltou um tudo. Puxei assunto enquanto percebia que ela estava retornando o trajeto. Por que paraste naquela parada se estás voltando?

A resposta abriu a porteira.



III

Estava com vergonha. Não sabia o que fazer. Acabou comentando que sempre pegava o São Manoel. O mesmo que eu pego, falei. E começamos a rir. Não era apenas no bairro que ela morava, era a duas quadras da minha casa. O estrago estava feito. Combinamos de nos encontrar no mesmo horário. Era quando ela voltava da faculdade. Apesar de ainda terceiro-anista, lembro que eu era cavalariano e cavalarianos não se mixam diante dos desafios. Ia até a faculdade buscá-la e voltávamos. Já namorando, apesar de ter confessado que era noiva.

Sim, noiva. Teríamos que ficar escondidos até que ela resolvesse o término do noivado. Eu, acostumado a fazer coisas escondido, adorei. Pra aliviar um pouco o peso que ela sentia com a situação, contei que eu tinha uma namorada em Montevideo. Mas a mentira tem pernas curtas, como já tinha aprendido no caso da fuga. E essas pernas se mostraram curtas demais.

E assim passamos um tempo até que ela terminou o noivado. Ainda assim, não tínhamos como oficializar o namoro para os pais dela. Ela era pianista, dava aulas de piano, além de fazer a faculdade de música. A solução ela mesma encontrou. Eu teria aulas de piano. Assim, como aluno, poderia entrar na casa dela. E quase virei um grande pianista.



Primeiro dia de aula. Início da tarde. Chego e fui apresentado para a mãe dela. Ao descobrir meu nome se espantou. És filho da fulana? Sim. Tua mãe e eu éramos amigas na infância lá em Livramento. Soube do teu pai. Que coisa. Mundo pequeno. Minúsculo. Famílias tradicionais de cidade do interior que se conheciam e conviveram. E eu ali, disfarçado de aluno namorando a filha dela escondido. Por um lado até que foi bom, pois ficou segura em deixar a filha sozinha comigo. Eu, além de cavalariano, estudante do colégio militar, era um moço de família. Piano? Até hoje não sei onde fica sequer o dó. Meus dedos sempre procuravam o lá. E lá ela não deixava meus dedos irem...

No entre aulas nos encontrávamos na minha casa. Mamãe era a única que sabia da verdadeira história. Sim, da mamãe eu não escondia mais nada.

E numa bela dessas tardes foi que aconteceu. As pernas curtíssimas da mentira apareceram...

IV

Era primavera e estávamos sentados no sofá da sala. Nesses dias de primavera o Sol entrava na sala e a deixava quentinha, perfeita para namoros. Mamãe havia se recolhido para a sesta, tínhamos, então, um bom tempo sozinhos. Mamãe gostava dela. Já sabia de quem ela era filha. Ela também era uma moça de família. Filhinho querido estava seguro.

Toca a campainha. Vou atender. Sim? E escuto meu nome sendo pronunciado com sotaque espanhol. Como assim, viajam de Montevideo sem me avisar? E chegam fazendo surpresa? Detesto coisas geladas, mas gelei. Pra não usar outra expressão também terminada em ei. Oi, que surpresa! Já vou aí abrir. Foi o tempo de dizer para a outra quem estava chegando e pedir que se apresentasse como minha amiga. Tudo combinado, desci.

E lá estavam as duas. A morena e a loira. Abraços mil em uma, beijos mil na outra, a namorada. Subimos. Apresentações feitas. Minha amiga, fulana. Minha namorada, beltrana. Beijinhos. Sentam-se, as duas, lado a lado no sofá. Sentei em uma das poltronas e a loira na outra. Não, não vou dizer nomes. Duas morenas e uma loira. Duas namoradas juntas. E eu gelado feito cadáver.



Sem saber muito o que fazer, sim, cavalarianos de vez em quando não sabem o que fazer, fui correndo, em pleno desespero adolescente, acordar mamãe. Relatei o que estava acontecendo e pedi, quase que de joelhos, para que ela fosse pra sala me ajudar na situação. Mães fazem de tudo pelos seus filhinhos queridos. E lá se foi ela. Novas apresentações feitas, mamãe tratou de puxar conversas amenas sobre Montevideo. Educadamente, a que já estava lá anunciou que precisava ir embora, pois ainda tinha compromissos para resolver. Que nada, imagino como deveria estar se sentindo naquele momento. Despediu-se. Levei até o portão. A loira era muito viva e vá que estivesse olhando pela janela. Dois beijinhos de amigos e se foi.

Uma semana com a uruguaia em Porto Alegre. Se ela não desconfiou de nada , com certeza a loira sim. Acabou não sendo uma semana boa. Em grande parte, senão por todas as partes, devo admitir, por culpa minha. Sim, cavalarianos sabem admitir suas culpas. Terminamos a semana praticamente terminados. Uma carta minha resolveu tudo. Logo depois a outra terminou também.

E das duas que tinha, terminei a primavera sem nenhuma.

Finais de ano

Natal e Fim de Ano. Festas. Famílias moravam a menos de duas quadras de distância. A da minha mãe, meus padrinhos, e a do meu pai, casa dos meus avós. Dividíamos as festas.

Véspera de Natal era na casa dos meus avós. Tinham cinco filhos e dezessete netos. Esposas e marido. Ceia. Cedo. De forma a que todos pudessem partilhar com as outras famílias dos agregados a passagem da meia noite. E, também, porque meus avós já tinham certa idade e não curtiam muito a bagunça feita por tantas crianças. Peru, comidas, presentes e muitas, mas muitas brincadeiras com os primos. Saudades da casa dos meus avós.

Eu era feliz e não sabia. Crianças não sabem o que é felicidade. Sem generalizações, claro. Peixes só sabem o que é o ar quando são tirados da água. Crianças vivem na água. São o mais puro conceito de felicidade. E um dia me tiraram da água.

Terminada a festa na casa dos meus avós, íamos para a casa dos meus padrinhos. Família pequena. Meus tios, duas primas e nós. Regra rigorosa: presentes só depois da meia-noite. Afinal, Jesus, segundo a lenda, nasceu no dia 25. Chegávamos antes. Espera eterna. Grande culpa de dizerem que eu sou ansioso se deve ao Natal. Quem sabe. Surpresas na entrega, falas com possíveis características do presenteado, sou eu, sou eu, gritávamos, mesmo que o presente tivesse o tamanho de uma possível boneca. Mas sempre algo que adorávamos. E não eram roupas. Eram brinquedos. Adultos sabiam o que faria uma criança feliz. E não precisava muito. Mas um dia me tiraram da água.

Na passagem de ano a rotina mudava um pouco. Na passagem do ano ficávamos na casa dos avós. Fogos de artifício no pátio. No dia seguinte grande festa na chácara dos meus padrinhos. Era um dos dias que aproveitava para lavar carros e dirigir. Festa para uma enormidade de amigos.

Muitos e muitos anos assim. Até que papai morreu. Passado o enterro, a vida segue. Deve seguir. Mamãe e eu voltamos para Brasília para resolver as burocracias. Mudanças, entrega do apartamento, eu mesmo resolvi a questão da escola que estudava. Despedida daquela que seria a quase futura namorada, uma colega de turma.

Ficamos no apartamento dos amigos que nos acompanharam desde o início. Eu e mamãe na noite de véspera do Natal. Viajaríamos do dia seguinte de volta para Livramento.

Os dois sozinhos na noite de véspera do Natal. Sentados no sofá, televisão ligada, talvez para fazer algum movimento no silêncio. Resisti o que pude diante da tristeza que tomava conta do momento. Natal, sozinhos após tudo. Até que, no restante da minha inocência de jovem de quinze anos que mal estava descobrindo a vida, perguntei, mamãe, posso tomar um copo de refrigerante?

Mamãe me abraçou. Mamãe me tirou da água. Pode.